

Resenha: MORAIS, Marcelo Alonso; MARTINS JÚNIOR, Marco Antônio. *Salve São Jorge/Ogum: O padroeiro do carioca*. Rio de Janeiro: Ideia Jurídica. 2015. 88p.

Guilherme Pereira Stribel¹

Durante o ano de 2017, no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, diversas notícias de ataques de intolerância religiosa emergiram nos portais de notícias e nas redes sociais. Esse não é um fenômeno novo; em 2015, uma menina foi apedrejada por estar paramentada com suas roupas brancas nas imediações do terreiro de Candomblé do qual faz parte (os covardes agressores fugiram em um ônibus após o ataque); terreiros de Candomblé e Umbanda tem sido atacados (algumas igrejas católicas também) por fanáticos religiosos; mas, em 2017, a situação chegou ao cúmulo de traficantes evangélicos obrigarem dirigentes de terreiros a destruírem suas imagens e firmamentos sob mira de armas e ameaças de morte, sendo chamados de “demônios”.



É fato que, juntamente às questões de intolerância religiosa estão atreladas as de racismo, tendo em vista que os ataques ocorrem a religiões de matriz africana. Em 2003, uma conquista dos movimentos negros contra o racismo foi a criação da Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de história

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ



da África e de cultura afro-brasileira nas instituições de ensino. Em 2008, entra em vigor a Lei 11.645, que altera a 10.639 no sentido de incluir culturas indígenas na discussão; outro grupo historicamente atingido pelo preconceito e que tem sido atacado por evangelizações sistemáticas e de massa por diversos grupos evangélicos.

Uma das dificuldades recorrentemente citadas por educadores para implementação da Lei 10.639/03 é a falta de materiais didáticos e de discussão da temática nas formações iniciais. Essa é mais uma sensação que os professores, muitas vezes envolvidos em muitas atividades, que uma realidade. Há diversos materiais produzidos e cursos, inclusive à distância, de formação continuada. Pode ser que uma carga de preconceito subjacente crie barreiras para que estes conteúdos cheguem à escola. O livro *Salve São Jorge/Ogum* é um material que contribui para a desmistificação das religiões de matriz africana, trazendo aspectos históricos, sociais e antropológicos da constituição de uma imagem recorrente em duas religiões presentes no Brasil, a Igreja Católica e a Umbanda (apesar de Ogum ser um orixá de origem africana, presente no candomblé e em outras religiões, a abordagem dos autores se remete majoritariamente ao sentido que o referido orixá ganha na Umbanda, que, por sua vez, desdobra-se das lendas do orixá em fontes africanas).

Para os brasileiros, sobretudo no estado do Rio de Janeiro, a figura de São Jorge é conhecida, independente da religião ou ausência dela. Como os autores Marcelo Alonso Morais e Marco Antônio Martins Júnior apresentam em seu livro *Salve São Jorge/Ogum: O padroeiro do carioca*, a imagem é recorrente no cotidiano da capital do Rio de Janeiro, estampada em roupas, adesivos automobilísticos, posta em destaque em altares de igrejas, em pequenos altares residenciais e de estabelecimentos comerciais, em gongás de umbanda, dando nome a planta popularmente conhecida como *espada de São Jorge*, e mesmo nomeando uma novela produzida pela Rede Globo e exibida em horário nobre, *Salve Jorge*. A proposta do livro é trazer informações



aos leitores sobre o santo católico, o orixá na umbanda, o sincretismo e a relação do santo/orixá com o samba no cenário carioca.

Primeiramente, o texto apresenta o histórico de Jorge, de soldado exemplar do Império Romano à mártir cristão degolado a mando do imperador Diocleciano no dia 23 de abril de 303 d.C. Jorge é canonizado em 484, pelo Papa Gelásio I, o que é revogado em 1960, pelo Papa Paulo VI, devido a dificuldades relacionadas ao registro histórico. Essa retirada não impedia ou proibia o culto, apenas o restringia a gestão local, não sendo oficial do calendário canônico católico. Em 2000, o Papa João Paulo II dá destaque a São Jorge novamente.

Sendo padroeiro de diversas localidades, como Inglaterra, Portugal, Geórgia, Lituânia, Sérvia, Montenegro, Etiópia, Catalunha, Londres, Barcelona, Moscou, Beirute e de Ilhéus (primeiramente denominada São Jorge de Ilheos), o santo esteve profundamente ligado a Portugal, o que o trouxe para o Brasil como uma forte influência, dada sua apresentação como “santo guerreiro”, representado sobre um cavalo branco e derrotando um dragão (que, no cristianismo, está associado ao mal). Este aspecto de guerreiro é reforçado, principalmente, no cristianismo ocidental. No Oriente, São Jorge também protege negócios, cura doenças; na Rússia assumia relação com a produção agrária.

Os autores propõem uma expansão da ideia de São Jorge para além do cristianismo, explicitando a relação simbólica de diversos aspectos do santo com aspectos de religiões pré-cristãs na Europa. A vitória do bem sobre o mal explicitada na imagem do santo, coincidentemente, era celebrada em datas próximas ao dia que seria dedicado São Jorge posteriormente (23 de abril), como vitória da vida e da luz sobre a escuridão. O Beltane, ritual celta de celebração da primavera e da fertilidade, ocorria no dia 1 de maio. As estações do ano, como reflexo das possibilidades de alimentos e de qualidade de vida



são utilizadas como marco para diversos cultos, mesmo que, com o tempo, esse sentido original se perca.

Ogum, orixá de origem africana sincretizado com São Jorge, também está relacionado à guerra, à defesa e ao impulso. Também é ligado à transformação, sendo o orixá que ensinou a metalurgia. Os autores argumentam relações sincréticas entre Ogum e outras deidades de diferentes mitologias, não se restringindo apenas a *São Jorge – Ogum*. Apontam semelhanças com Marte e Vulcano romanos (Ares e Hefesto gregos, respectivamente).

É possível perceber como a imagem do orixá se constrói a partir das histórias contadas e da interação com outros orixás; a forma como os contextos vão produzindo sentidos para a religiosidade. Os autores indicam que é difícil perceber se o sincretismo entre os orixás e os santos católicos aconteceu naturalmente em decorrência de um processo de conversão com o catolicismo, ou se ocorreu a partir de uma conversão deliberadamente simulada, a fim de garantir a possibilidade de culto. Apesar de a Umbanda ter sido fundada por volta de 1908, sua compreensão sobre os orixás estava em sintonia com a sincretização que já ocorria desde o período colonial brasileiro; a compreensão de que os orixás são forças/manifestações de um Deus único é muito próxima da ideia de que os santos católicos são intermediários da vontade divina.

Por fim, os autores ressaltam a relação de São Jorge/Ogum com o cenário do samba carioca. Para isso, trazem diversos sambas onde a figura do *santo-orixá* aparece como elemento central ou como complemento da ideia. Esse tipo de análise contribuir para perceber como a figura está cotidianizada, e pode ser tomada como inspiração para outros tipos de reflexão, uma vez conhecidas características como as trazidas no livro.

Salve São Jorge/Ogum pode ser um interessante material de formação continuada, ou mesmo material didático, uma vez que tem a intenção de trazer



tanto o lugar que o objeto de estudo ocupa em diferentes campos religiosos, quanto em seus aspectos culturais e históricos. O conhecimento é uma ferramenta poderosa na luta contra o preconceito; a ignorância gera medo e o medo gera violência, mas o conhecimento gera respeito. Ogum é um orixá associado à guerra e a impulsividade, que a reflexão sobre ele possa trazer enfrentamento de situações de injustiça e ímpeto pela busca de uma sociedade mais justa e com menos desigualdades.